

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,
RESISTÊNCIA E
DIFERENCIAÇÃO
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908 1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série. CDD 306
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
CAPÍTULO 2	18
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
CAPÍTULO 3	26
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
CAPÍTULO 4	43
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
CAPÍTULO 5	54
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
CAPÍTULO 6	72
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
CAPÍTULO 7	81
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
CAPÍTULO 8	90
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

CAPÍTULO 9	101
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.2421909089	
CAPÍTULO 10	105
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
DOI 10.22533/at.ed.24219090810	
CAPÍTULO 11	117
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes Milene de Cássia Silveira Gusmão	
DOI 10.22533/at.ed.24219090811	
CAPÍTULO 12	127
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
DOI 10.22533/at.ed.24219090812	
CAPÍTULO 13	135
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli André Boccasius Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090813	
CAPÍTULO 14	142
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090814	
CAPÍTULO 15	152
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
DOI 10.22533/at.ed.24219090815	
CAPÍTULO 16	164
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes Edson Silva de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.24219090816	

CAPÍTULO 17	175
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.24219090817	
SOBRE A ORGANIZADORA	196
ÍNDICE REMISSIVO	197

ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Danilo Moraes Lobo

Licenciado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Especialista em Memória

História e Historiografia pela UESB. Especialista em Teoria e História Literária (UESB). Mestre em

Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB.

Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade na UESB.

Doutorando na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Brasil, <dmoraes.lobo@gmail.com>

Auterives Maciel Jr

Docente na Universidade Veiga de

Almeida – UVA/RJ e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, Brasil.

<autermaciel@gmail.com>

Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do

curso de Mestrado e Doutorado em Psicanálise,

Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de

Almeida (UVA/RJ) e da Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ)

Trabalho publicado nos anais do IV Congresso

Internacional sobre Culturas – Memória e

Sensibilidade: Cenários da experiência cultural contemporânea, realizado entre os dias 21 e

23 de novembro de 2018, no Centro de Artes,

Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade

Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em

Cachoeira (BA-BR).

RESUMO: Pretende-se pensar nesse trabalho algumas articulações possíveis no pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, capazes de fornecer um instrumental analítico que problematizem a cultura e a arte nas suas relações com modos de existência. A partir de uma avaliação sobre a dinâmica dos valores que orientam a cultura moderna, o filósofo nos apresenta uma crítica ao *niilismo* que subjaz os mais diversos campos de produção humana, a saber: a religião, a ciência, a política, a comunicação, a arte, dentre outros. O que emerge dessa avaliação é uma diretriz de ordem genealógica para compreender os impulsos sobre os quais se sustentam os valores que governam a civilização ocidental. Nesse sentido, Nietzsche irá pensar sobre a memória nas suas dinâmicas de constituição sócio-histórica dos valores e que configuraria expressões de vidas em ascensão ou decadência, tomando *vontade de potência* como diretriz e categoria interpretativa principal. Assim, a arte será pensada aqui enquanto perspectiva que aborda a vida sob um olhar estético capaz de fazer uma crítica ao niilismo e à moral.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Cultura, Memória, Vida, Nietzsche

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, a partir do método genealógico, desenvolve em

sua obra uma avaliação crítica sobre a dinâmica dos valores¹ morais que orientam a cultura moderna, subjacentes aos mais diversos campos da produção humana, a saber: a religião, a ciência, a política, dentre outros. O que direciona essa avaliação é um impulso para compreender as bases sobre as quais se sustentam os ideais que governam a civilização ocidental. O resultado expresso ao longo da sua obra nos exhibe um amplo painel de produtos da cultura, marcados por valores niilistas que expressam aquilo que Nietzsche entende como manifestações de ressentimento para com a vida, sendo esta compreendida aqui como *vontade de potência*², atravessada por forças de conservação e/ou criação, e que será a diretriz para o filósofo pensar sobre a questão do valor enquanto expressão de modos de vida, pensados para além de uma moral assentada em ideais desvinculados das dinâmicas da história.

Assim, em *Genealogia da moral*, título do seu livro de 1887, apresenta alguns de nossos valores dominantes de modo crítico e polêmico, resultando em constatações que irão colocar em xeque o senso comum que acompanha as conformidades construídas pela *moralidade do costume*³. A história da moral consoante a perspectiva do filósofo é a dominância do persistente niilismo, resultado de uma cultura alheia à própria dinâmica de construção sócio-histórica dos valores. O ataque é voltado sobretudo à metafísica socrático-platônica que toma o ser a partir de formas prefiguradas que conformam um tipo de vida tido como superior e ideal, mas que para Nietzsche, se revela como decadente dado que nega a vida enquanto processo de criação e promove uma vontade voltada à transcendência.

Segundo Peter Pal Pelbart (2016), a partir da constatação de que o niilismo produziu um deslocamento do centro de gravidade da vida para o âmbito dos valores superiores, têm-se uma depreciação metafísica da vida, tendo esta sido reduzida ao valor de nada. A experiência de instauração e dissolução dos valores morais é trazida enquanto problema que atravessa a dinâmica histórica, almejando-se explicitar a sua lógica de desenvolvimento. Segundo Claudemir Luís Araldi (1998) é na modernidade que observamos o momento decisivo desse processo, pois nela o niilismo se radicaliza e apresenta suas formas mais acabadas, onde Nietzsche busca captar o espírito de incerteza, dúvida e hesitação que acresce no exercício filosófico e na ação do homem

1 Uma das noções centrais no pensamento nietzschiano, a noção de valor está ligada a um questionamento contínuo sobre o que consiste os valores morais, por exemplo o valor dos valores “bem” e “mal”, dado que a atitude comum seria avaliá-los como existindo desde sempre, instituídos num além, encontrando legitimidade num mundo suprassensível: “Se nunca se hesitou em atribuir ao homem “bom” um valor superior ao do “mau”, é porque os valores foram considerados essenciais, imutáveis, eternos. No entanto, uma vez questionados, eles revelam-se “humanos, demasiados humanos”: surgiram em algum momento e em algum lugar e, por isso mesmo, possuem uma proveniência e uma história. Assim, o valor dos valores está em relação com a perspectiva avaliadora a partir da qual ganharam existência” (MARTON, 2016, p. 406).

2 No pensamento de Nietzsche aparece o conceito de Vontade de Potência vinculado à vida, mas não restrito à vida orgânica; ela está presente em tudo, desde reações químicas mais simples até à complexidade das ações humanas. Caracteriza-se pela expansão, superação, além de aliar-se a outras e se tornar maior. Neste campo, o combate e o jogo são uma constante numa luta onde a identidade e a permanência são abolidas em prol da diferença.

3 Conceito trabalhado sobretudo no livro *Aurora* (1881), onde é desenvolvida a ideia de que se trata de uma obediência e um respeito às tradições, uma subordinação a uma autoridade e ao costume próprio de uma comunidade (Ver o § 9 do Livro I).

moderno.

Na modernidade, o evento da morte de Deus⁴ aparece como um corte fundamental para a história do niilismo, dado que expressa o esgotamento interpretativo da separação entre mundo sensível e supracensível, com a consequente insustentabilidade das ideias metafísicas e dos valores que subordinavam o mundo sensível. Nietzsche denuncia aqui que não há um abandono dos valores transcendentais, posto que há um esforço na modernidade de substituição do deus transcendente por outros valores, tais como: razão, ciência, história, progresso. Haveria aqui, portanto, não só uma cisão, mas também uma continuidade no que diz respeito à interpretação moral do mundo.

Articulando uma linguagem próxima ao campo das ciências biomédicas, mas expressa de um modo interpretativo singular, Nietzsche procederá a uma dissecação do valor desses valores, realizando diagnósticos e em certo sentido aplicando um tipo de terapêutica que resultará numa *transvaloração de todos os valores*⁵. Deste modo, irá se considerar como uma espécie de “médico da cultura”, cuja preocupação será direcionada ao mapeamento dos tipos fisiológicos constituídos a partir de imperativos morais, alcançando os seguintes questionamentos: o que engendraria homens fortes, ativos e saudáveis, ou pelo contrário, produziria homens cansados, tristes e ressentidos?

Para enfrentar esta problemática dos valores niilistas sua filosofia irá se deparar com o problema da memória, uma vez que o filósofo se pergunta como foi possível a produção de um homem capaz de ser responsabilizado pelos seus atos, dado a sua condição primeva de um animal movido pelo esquecimento. Daí porque na *Genealogia da moral* discutirá a construção de uma *mnemotécnica* capaz de moldar um animal apto a atender os reclames de uma dada conformação social (NIETZSCHE, 2003a). O enfrentamento dessa questão, portanto, se opera enquanto um deslocamento para jogar luz e compreender como o homem conserva os valores niilistas, o que para Nietzsche remete a uma questão anterior que atravessa a mesma obra: qual o valor da memória? E aqui o filósofo avaliará dois tipos de memória: a memória de marcas ou do ressentimento e a memória da vontade.

Esses dois tipos de memória apontam para modos de existência diversos, ou seja, expressam avaliações da vida referidas a conformações que apontam sintomas de decadência e mal-estar, ou pelo contrário, conformações que apresentam

4 Conforme nos explica Claudemir Luís Araldi, o evento fundamental da modernidade é a Morte de Deus: “Em Nietzsche, a Morte de Deus não tem significação de um enunciado metafísico sobre a existência ou não de um ser superior. O anúncio do homem louco, “Deus está morto” (Gott ist tot), tem o significado de um abalo cósmico, de uma perda total de sentido, de toda finalidade, ocasionados pelo afastamento da fonte divina dos valores (compreendida como o sol na tradição platônica) que forneciam *um* sentido ao mundo. A morte de Deus não é um evento fortuito, sem qualquer concatenação com a história da moral; ao contrário, é um evento longamente preparado e necessário no processo de moralização do mundo, que por fim anula o dualismo entre mundo sensível e mundo supracensível. Assim, a constatação da morte de Deus leva à radicalização do niilismo” (ARALDI, 1998, p. 77)

5 Compreende, de modo sintético, um movimento de destruição e criação de novos valores, caracterizado por uma reviravolta profunda que altera todas as avaliações que dominaram e dominam o Ocidente.

sintomas saudáveis ou potentes. O valor maior para Nietzsche é a vida, para além da moralidade vigente e/ou dominante, além do bem e do mal, e que expressa relações de forças próprias a uma configuração cultural que se ancora sob bases dominadas por tendências conservadoras e adaptativas da moralidade ou sob bases criadoras e abertas às potências do devir. Nesse sentido, a memória pode se configurar tanto como um peso e um dever, tomando o esquecimento enquanto algo a ser combatido, ou então apontar para uma configuração aberta ao tempo e ao devir, afirmando a vontade e pautando o esquecimento enquanto força ativa, capaz de atuar paralelo a uma memória aberta ao futuro e à produção de novos valores.

Na segunda dissertação de *Genealogia da Moral*, Nietzsche procederá a uma análise mais detida sobre o processo histórico de constituição dos ideais, evidenciando aqui uma ligação com as profundas marcações sobre o corpo dos homens, dado que para atingir um determinado patamar de raciocínio, o homem foi submetido a dor como processo mnemônico:

Jamais deixou de haver sangue, martírios e sacrifícios, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos (todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldades) – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica (NIETZSCHE, 2003a, p. 51)

O processo da cultura, conforme a ótica de Nietzsche, é marcado pela crueldade que conforma modos de vida assentados numa tradição que na sua gênese afirma-se de modo terrível e brutal. A constituição da memória não se resumiria, portanto, a um mero traço da evolução cognitiva, mas situada numa tensão para conformar um tipo de homem afeito à coesão social, capaz de regular os seus impulsos. Desse modo, algumas ideias deverão se tornar onipresentes e fixas no sistema nervoso, o que será forjado com modos de vida e procedimentos ascéticos, capazes de combater implacavelmente outras manifestações concorrentes de ideias.

Essa memória de marcas, vincula-se a processos de subordinação e submissão nos quais um tipo de humanidade vai se constituindo sob a configuração de valores que tornam o homem um “animal de rebanho”, como Nietzsche destaca. A conformação de um homem memorioso, vinculado a um sentido de domesticação na cultura, atravessado por instintos de reação e ressentimento, provocaria a visão de um homem cansado e niilista, sobretudo ao longo da história europeia, sobre a qual o filósofo se detém de forma mais incisiva.

Ao lado dessa memória que remete à tradição moral que condiciona e produz um homem sob o signo do dever de lembrança, preso a um passado inexorável e que se torna passivo frente a impressões uma vez recebidas, Nietzsche desenvolve a perspectiva de uma memória da vontade que se vincula às possibilidades do homem responder por si num porvir, mas sem deixar de remeter a algo que já se quis, ou seja, continuar querendo o que já foi querido. A relação com o passado aqui não é passiva,

mas sim ativa, de modo que ao contrário da memória de marcas, a relação é de não mais querer livrar-se, mas sim sentir-se impelido a continuar querendo. O sentido de memória que aqui emerge está ligado a palavra que se empenha, a uma promessa que se mantém. Vincula-se também ao longo processo de tornar o homem um ser confiável e capaz de manter sua palavra frente às injunções do tempo. Conforme Nietzsche:

[...] não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-*querer*-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade*: de modo que entre o primitivo “quero”, “farei”, e a verdadeira descarga da vontade, seu *ato*, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmo atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer (NIETZSCHE, 2003a, p. 48 – grifos do autor)

A memória da vontade também possui uma relação muito próxima ao esquecimento, dado que o mesmo aparece em Nietzsche como uma força inibidora ativa, fisiologicamente vinculada à capacidade de abertura psíquica para o novo. O esquecimento aparece na *Genealogia da Moral* enquanto força que trabalha para permitir a consciência a atenção ao presente e suas possibilidades. Aparece como elemento fundamental para a saúde e que só seria suspenso em alguns momentos por uma memória capaz de se vincular ao porvir.

A tônica que Nietzsche emprega no conceito de vontade, não como simples intencionalidade numa consciência, mas articulando-o ao conceito de memória, expressa uma conjugação que procura dar conta da experiência da temporalidade que atravessa a constituição do homem. Segundo Maria Cristina Franco Ferraz (2002), a vontade se intensifica e se transforma em tempo, além de apropriar-se da sua passagem. Assim define a autora: “Vontade, nesse sentido, seria aquilo que é capaz de ligar algo que já foi certa vez querido a um querer que se projeta no tempo por vir. Só assim a memória pode deixar de ser grilhão e, como efeito da vontade, aliar-se à alegria e à felicidade da criação” (p. 67). É a partir desse entendimento sobre a plasticidade da memória, tomando-a como capaz de vincular-se a criação que se torna exequível articulá-la com o problema da arte e modos de vida em Nietzsche.

A relação entre arte e existência foi pensada por Nietzsche ao longo de toda sua obra e podemos observar esse diálogo entre elas já a partir do seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia* (1871), no qual o filósofo desenvolverá um resgate da cultura trágica entre os gregos antigos para pensar o seu ressurgimento sob outros moldes na modernidade, sobretudo na obra de Wagner. Mas o que nos interessa mais detidamente aqui é a compreensão da arte enquanto potência capaz de produzir um

6 “Para Nietzsche, *décadence* é a desagregação dos instintos (*Instinkte*), tanto do indivíduo quanto da cultura, os quais não podem mais encontrar condições que propiciem o crescimento de potência, pois perderam toda capacidade de seleção, supondo que tudo se equivale, tudo é nivelado, não há estilo próprio, e podem até mesmo aceitar o que é prejudicial ou ruim (*schlecht*), ou seja, o que impede o crescimento da potência” (Wilson Antônio Frezzatti Jr. em verbete *Décadence* constante no *Dicionário Nietzsche* organizado por Scarlett Marton 2016, p. 179).

pensamento que denuncie a moralidade e seu consequente niilismo. Sobre este modo de valorar que expressa um esgotamento, ou a cultura da *décadence*⁶, por meio de uma renúncia à vida enquanto potência criadora, Nietzsche afirma:

Por trás de semelhante modo de pensar e valorar, o qual tem de ser adverso à arte, enquanto ela for de alguma maneira autêntica, sentia eu também desde sempre a *hostilidade à vida*, a rancorosa, vingativa aversão contra própria vida: pois toda vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro (NIETZSCHE, 2003b, p. 19).

A vida enquanto experiência estética, aberta à pluralidade de sentidos, aos afetos e ao devir, constituída por campos de forças e não sendo governada apenas por valores morais, torna-se o parâmetro sobre o qual a reflexão nietzschiana irá se pautar. Nesse sentido, a arte será pensada enquanto potência transfiguradora capaz de expressar com maior intensidade as dinâmicas da existência, a qual não carregaria sentidos pré-determinados, causalidades estanques, percursos teleológicos, estando sujeita a desvios, fissuras, irrupções, acasos, enfim, a uma gama de acontecimentos capazes de produzir novos caminhos e valorações sobre o devir. Aqui a arte é postulada enquanto criação da vida, capaz de lidar com o absurdo que está sempre à espreita para sequestrar a vontade e submergi-la ao niilismo. Sobre este papel transfigurador da arte ele adverte:

Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, qual feiticeira da salvação e da cura, a *arte*; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas o *sublime*, enquanto domesticação artística do horrível, e o *cômico*, enquanto descarga artística da náusea do absurdo (NIETZSCHE, 2003b, p. 56).

O pensamento estético trabalhado em *O nascimento da tragédia* volta-se a perspectiva de pensar a vida para além dos valores construídos sob o viés da moralidade. Isso não significa desvinculá-lo de uma perspectiva ética, dado que a tarefa da arte seria, na ótica nietzschiana, dignificar a vida e nos seduzir a continuar vivendo. Aqui se compreende que o esforço do filósofo se direciona a expressar uma vontade potencializada, força que aparece por vezes em sua obra como uma embriaguez ou euforia que seria o impulso primordial à criação. Importa destacar que essa força não remete à simples atos de consciência, mas a uma espécie de subjetividade transbordada para além dos limites de um eu, dado que remete ao esforço de pensar a vida enquanto vontade, desejo, força que escapa aos ditames da razão humana. Pensar a vida pelo viés único da racionalidade, implica em circunscrevê-la a um julgamento que pode reforçar uma postura de negação e condenação do mundo, pela ótica de valores que anseiam ao nada (*niilismo*) por não suportarem as dinâmicas que produzem tensão sobre o que é vivido, e que extrapolam conformações únicas de sentido que se subordinam ao viés moral.

A arte, sob a ótica nietzschiana ainda, busca enfrentar o niilismo persistente na cultura que almeja a verdade acima de tudo e que se confronta com o insuportável. Desse modo, ao contrário de Schopenhauer que postula a negação da vontade como

saída para o absurdo da vida, Nietzsche postula a arte como cura e estimulante da vontade, capaz de produzir um pessimismo da potência, ou da “fortitude” que transfiguraria verdades horrendas. A perspectiva exposta pela metafísica da arte não é desvendar a verdade sobre o mundo, mas glorificar a aparência e a ilusão que compõe a vida e um elogio à criação que a celebre, tomando como postulado o que filósofo defende: “pois só como *fenômeno estético* podem a existência e o mundo *justificar-se* eternamente” (NIETZSCHE, 2003b, p. 47).

A postulação da arte enquanto ótica primordial para exaltação do desejo pela vida, coloca em questão o diagnóstico da cultura ocidental, qual seja, uma cultura que sofre de niilismo, conforme nos aponta Cláudia Maria de Castro (2008):

Uma fraqueza dos instintos cujos sintomas manifestam-se em sua tradição filosófica, moral e religiosa. Psicólogo das profundezas, ao sondar as origens das formas de pensar responsáveis por este processo de decadência que corrói o mundo moderno, ele encontra o socratismo, o modo metafísico de pensar que se impôs como base de nossa civilização: o niilismo do qual padece o Ocidente é consequência direta do idealismo metafísico. Seu pensamento se constrói, portanto, como uma luta incessante contra a metafísica socrática. Neste combate, em *O Nascimento da tragédia*, Nietzsche confere ao verdadeiro artista, gênio transfigurador, a tarefa de restaurar a saúde da cultura ao fazer da arte a exaltação da força vital do homem (p. 129-130).

Ainda conforme Castro, as análises desenvolvidas nesse livro onde se apresenta o essencial da estética nietzschiana não se resumem ao estudo de obras de arte, mas também “sua genealogia e seus efeitos na cultura e na vida de um povo” (CASTRO, 2008, p. 130). No caso em questão, Nietzsche trabalha com imagens da mitologia grega, para além de uma mera inteligência lógica, visando sobretudo operar plasticamente com as figuras de dois deuses da arte grega, sendo eles Apolo e Dionísio. Tratando-os como impulsos artísticos que não pertenceriam ao homem, mas à própria natureza, Nietzsche considera que o desenvolvimento da arte estaria ligado ao confronto e a conciliação entre essas duas divindades/impulsos, sendo Apolo aquele ligado às belas formas, à figuração plástica, ao sonho, e Dionísio vinculado ao não figurativo, ao informe, à embriaguez. Em Nietzsche, esses dois polos não se constituem numa mera oposição entre forma e matéria, pois a arte enquanto potencia transfiguradora da vontade faz a aparência remeter à sua própria condição de intensificação da vontade. O que sobressai também nessa estética é a condição fisiológica da arte, dado que o apolíneo e o dionisíaco são tomados como instintos artísticos vinculados a estados fisiológicos. Sonho e embriaguez exprimem de modo fisiológico a manifestação dos estados estéticos correspondentes a Dionísio e Apolo, mas que ultrapassariam os limites da consciência empírica individual.

No resgate genealógico proposto por Nietzsche em relação aos gregos, é possível observar uma divinização da vida, para além de qualquer julgamento metafísico ou moral. Isso é expresso pela religiosidade grega com seus deuses que carregam consigo modos artísticos de vida que não se resumem à interdições, tabus ou censuras. Há sobretudo um impulso à beleza de uma vontade que é transfigurada artisticamente

e que o filósofo busca nos gregos para avaliar o modo como os modernos tratam da questão da arte. Em *O Nascimento da tragédia* se estrutura um trabalho genealógico com a memória, dado que a cultura grega antiga é retomada não apenas enquanto curiosidade antiquária, mas naquilo que permite divisar os desdobramentos de um processo de formação cultural que atravessa a modernidade. Já no seu primeiro livro, Nietzsche esboçava um caminho de pesquisa que se consolidará em sua obra tardia com *Genealogia da Moral*, onde fica explícito o método de avaliação e crítica da cultura, onde o problema do niilismo se torna incontornável. A contraposição entre arte e moral que já figurava no primeiro livro do filósofo, apontava para o problema da cultura que seria enfrentado nos livros posteriores, levando-se em conta os valores que se impuseram como dominantes no processo de formação histórica no Ocidente. Especificamente isso atinge a produção da tragédia num dado momento da Grécia no século V a.C, quando a influência do socratismo se torna presente na obra de Eurípedes, o que será considerado como a primeira morte da tragédia, dado que nesse autor a ênfase maior seria dada aos problemas referentes à consciência do que propriamente a expressão da vontade. Para Nietzsche já estamos aqui na gênese do niilismo que atravessará milênios, assumindo uma diversidade de formas e carregando também uma tensão entre os valores que abarcarão modos de vida decadentes ou ascendentes.

Nietzsche, reforça-se, irá empreender assim ao longo de sua obra uma pesquisa genealógica para compreender a gênese, o processo e a dissolução dos valores. Como questão fundamental na obra do filósofo, apresenta-se o horizonte de inquietações da modernidade, quando se procura abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, objetivando-se atingir a raiz comum dessa doença que seria caracterizada pela instauração da interpretação moral da existência. A arte caminha paralela a esse diagnóstico, dado que aponta para possibilidades de criação e afirmação de uma vida que pode ser dignificada e celebrada, ou seja, uma possível destruição e superação do niilismo.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Claudemir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche* 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_05_05%20Araldi.pdf. Acessado em: 09/02/2018.

CASTRO, Cláudia Maria de. A inversão da verdade: notas sobre O nascimento da tragédia. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 49(117), 127-142, 2008. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2008000100007>. Acessado em: 14/04/2019

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Memória, esquecimento e corpo em Nietzsche. In: *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARTON, Scarlett (org.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das

Letras, 2008.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

PELBART, Peter Pal. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2ª edição, 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

I

Identidade 25, 127, 130

L

Liberdade 98, 185

M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

R

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

S

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242